

Para além da sustentabilidade? Turismo resiliente e regenerativo na interface com as mudanças climáticas

Beyond sustainability? Resilient and regenerative tourism at the
crossroads of climate change

Antonio Rafael Barbosa de Almeida
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN),
Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Brasil
antoniorafael@ccsa.uespi.br



Kerlei Eniele Sonaglio
Universidade de Brasília (UnB),
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil
kerlei.sonaglio@unb.br

RESUMO

Este ensaio teórico resulta das reflexões provenientes da inter-relação entre o turismo, a sustentabilidade e as novas abordagens paradigmáticas na interface da crise ambiental e das mudanças climáticas. Para tanto, parte-se da compreensão da emergência do paradigma da sustentabilidade no turismo, em contraposição ao turismo em seu viés convencional e cartesiano. Para além da sustentabilidade, o estudo vai ao encontro de modelos teóricos e orientações que se voltam a internalizar e atender aos desafios impostos por cenários de transformação e intensificação de crises. Seu objetivo central é, por conseguinte, compreender a configuração teórica entre o paradigma da sustentabilidade e abordagens mais recentes, como a da resiliência e da regeneração, ao turismo em consideração aos efeitos e repercussões das mudanças climáticas, ao passo em que se pretende discutir as categorias de análise apriorísticas para a elaboração de uma tese de doutorado. Trata-se de um estudo teórico e preliminar, construído por meio da revisão da literatura,

de natureza qualitativa e que se norteia pelo pensamento complexo e transdisciplinar. Assim, a resiliência e o modelo de turismo regenerativo são apresentados como respostas recentes e ainda em configuração para reorientar e ressignificar a teoria e a prática desse fenômeno. Tais abordagens visam refletir, avançar e aprofundar o auxílio na construção de uma prática turística mais atenta, equilibrada e responsável no tocante aos desafios e vulnerabilidades socioambientais e econômicas promovidos por cenários de intensificação das mudanças no clima, e em atenção aos seus próprios efeitos e repercussões a este mesmo processo.

Palavras-chave: mudanças climáticas; paradigma; sustentabilidade; resiliência; turismo regenerativo.

ABSTRACT

This theoretical essay is the result of reflections on the interrelationship between tourism, sustainability and the new paradigmatic approaches at the crossroads of the environmental crisis and climate change. To do this, we start by understanding the emergence of the sustainability paradigm in tourism, as opposed to tourism in its conventional and Cartesian form. In addition to sustainability, the study is in line with theoretical models and guidelines aimed at internalizing and meeting the challenges posed by scenarios of transformation and intensification of crises. Its central objective is therefore to understand the theoretical configuration between the sustainability paradigm and more recent approaches, such as resilience and regeneration, in tourism, taking into account the effects and repercussions of climate change, while discussing the categories of analysis that are essential for the preparation of a doctoral thesis. This is a theoretical and preliminary study, based on a review of the literature, of a qualitative nature and guided by complex and transdisciplinary thinking. Thus, resilience and the regenerative tourism model are presented as recent and still emerging responses to reorient and reframe the theory and practice of this phenomenon. These approaches are aimed at reflecting on, advancing and deepening assistance in the construction of a more attentive, balanced and responsible tourism practice with regard to the socio-environmental and economic challenges and vulnerabilities promoted by



scenarios of intensified climate change, and in attention to their own effects and repercussions on this same process.

Keywords: climate change; paradigm; sustainability; resilience; regenerative tourism.

INTRODUÇÃO

A sustentabilidade foi inserida como abordagem dominante na orientação do desenvolvimento do turismo nos mais diferentes destinos turísticos no mundo a partir da última década do século XX (Ruhanen, Weiler, Moyle & McLennan, 2015). Todavia, as promessas e expectativas de um futuro mais responsável e sustentável, por meio do comprometimento empresarial, de experiências de visitação atentas ao ambiente natural e à biodiversidade, de turistas mais conscientes e do incentivo ao envolvimento das comunidades receptoras, não foram levadas a fio pelo setor. Ao contrário, o aumento substancial dos fluxos de visitação internacional e doméstico tem promovido à geração significativa de impactos socioambientais locais e globais, que são ainda mais agravados a partir da intensificação dos efeitos trazidos no bojo das mudanças do clima da Terra.

Ao encontro desse cenário, tem sido cada vez mais questionada a capacidade do paradigma da sustentabilidade em atender, em seu viés convencional, a um estado de plena restauração, equilíbrio e resiliência dos sistemas socioambientais por meio de mudanças incrementais, promovidas por visões de mundo mecanicistas e reducionistas (Gibbons, 2020). Por causa disso, emerge a paulatina e contínua necessidade de construção de alternativas ou possibilidades para que as diferentes atividades produtivas – como é o caso do turismo – estejam reorientadas a partir de uma visão holística, que promova novos valores e internalize os desafios e complexidades.

Assim, a imposição de novas dinâmicas, destacadamente a partir do cenário de mudanças climáticas e de suas repercussões ao turismo, se coloca enquanto desafio que vem sendo pouco discutido, e o seu debate ainda é



quase inexplorado (Grimm, 2019). Partindo do ponto de vista acadêmico-científico, as pressões e as complexidades trazidas pelo momento em curso se somam à necessária compreensão do turismo e seus constantes estados de transformação e ressignificação. Esse esforço teórico tem mobilizado distintos e complementares saberes, e integrado sistemas de conhecimento interdisciplinares que possibilitem a emergência e estruturação de novas visões paradigmáticas (Tribe & Liburd, 2016; Campodónico & Chalar, 2017) em torno da *práxis* turística.

No que se refere aos aspectos gerenciais, mercadológicos e políticos do turismo, a mudança nos padrões do clima tem implicado em diferentes posições, que variam da apatia, descrédito e negação ao envolvimento de organizações, governos e movimentos sociais com as questões ambientais e climáticas. Mesmo com a recente atenção dada pelas lideranças e demais atores sociais do turismo na tentativa de promover medidas voltadas à preparação e ao enfrentamento do setor frente à crise climática, algumas iniciativas já demonstram certo comprometimento setorial, a exemplo da assinatura da Declaração de Glasgow para a Ação Climática no Turismo (2021), na qual os seus signatários assumiram compromissos voluntários de descarbonização da atividade. Ainda assim, se percebe um longo caminho no tocante ao desenvolvimento de medidas de sensibilização, incentivo e financiamento em favor da adaptação, da mitigação e da resiliência climática do turismo em suas diferentes escalas e responsabilidades.

Este ensaio resulta das reflexões iniciais que auxiliarão no embase teórico de uma tese de doutorado que versará sobre as discussões da relação entre turismo, sustentabilidade, resiliência e mudanças climáticas, à luz da literatura brasileira e internacional, e que poderá ir ao encontro de uma agenda de estudos das questões climáticas e do turismo no país. A pesquisa aqui tratada está orientada pelo pensamento complexo, de Edgar Morin, numa perspectiva crítico-funcionalista. A sustentação teórica do trabalho, assim, se distanciará de concepções mecanicistas e buscará a conexão em rede e a articulação com diferentes saberes, tal como tratado no paradigma da



complexidade e na obra de Morin (2000), que ajuda, inclusive, a fornecer uma nova imagem da natureza e da sociedade (Morin, 2000).

Diante disso, este ensaio possui como objetivo central compreender a configuração teórica entre o paradigma da sustentabilidade e de abordagens mais recentes ao turismo, como a da resiliência e da regeneração, em consideração aos efeitos e repercussões das mudanças climáticas. Para tanto, são adotados como categorias de análise apriorísticas neste breve trabalho: desenvolvimento sustentável, turismo sustentável, resiliência e turismo regenerativo, na interface com as alterações climáticas.

REVISÃO DA LITERATURA

O campo científico do Turismo acolheu, quase que de modo irrestrito, o paradigma da sustentabilidade, consolidando-o enquanto uma abordagem prioritária em sua agenda de pesquisa nas últimas décadas (Buckley, 2008). Para além da esfera acadêmica, a noção de turismo sustentável repercutiu como principal alternativa ao turismo de massa e em atendimento a crescente preocupação com os efeitos adversos gerados pelo turismo em seu viés convencional (Sharpley, 2020), pressionando governos, organizações e a sociedade em geral para a realização de mudanças e adaptações em termos de sua produção e consumo, ao mesmo tempo em que legitimava o crescimento e a sustentação do fenômeno turístico.

Conceitualmente, o turismo sustentável esteve diretamente orientado pelos preceitos do desenvolvimento sustentável, que por sua vez tem como referência a publicação do Relatório *Our Common Future* (Nosso Futuro Comum) (1987) pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU) (Ruhanen et al., 2015) e que se ateve em assegurar o suprimento das necessidades humanas atuais e futuras sem ultrapassar os limites ambientais impostos pelo sistema terrestre (WCED, 1987). Bastante celebrada, a noção de desenvolvimento sustentável logo foi alçada à centralidade do discurso político e ambiental na



década de 1990 e incorporada em diferentes contextos e significações (Mebratu, 1998), com amplo e quase absoluto engajamento de entidades supranacionais e dos governos nacionais e locais em sua difusão.

Tal aceitação advém, em grande parte, pelo desenvolvimento sustentável não exigir o rompimento de modo expressivo com as estruturas convencionais e hegemônicas que promovem o progresso econômico (Gibbons, 2020) e legitimam o acúmulo irrestrito de capital e as desigualdades socioeconômicas decorrentes. Diante disso, o termo se revelou mais tarde frágil, impreciso, ambíguo e incapaz de promover mudanças duradouras e significativas que conduzissem a um cenário de real “nosso futuro comum”, tal como se propunha em seu princípio frente aos crescentes desafios ambientais planetários (Mebratu, 1998).

Na direção apontada, diferentes autores, a exemplo de Fazito, Rodrigues, Nascimento e Pena (2017) e Feitelson e Stern (2023), reconhecem a imprecisão, as ambiguidades e a multiplicidade de significados e dimensões associadas tanto ao desenvolvimento sustentável como a sustentabilidade, bem como o caráter eminentemente político e retórico que envolve a sua discussão e operacionalização. E assim, a relevância do desenvolvimento sustentável tem se resumido a difusão para a sociedade da necessária proteção da natureza e de seus recursos face ao desenvolvimento, sem uma efetiva demonstração de como isto poderia acontecer (Fazito et al., 2017).

Voltando ao turismo, a sustentabilidade ganhou repercussão ainda maior por permitir, assim como o seu conceito gênese (o desenvolvimento sustentável), diferentes interpretações e sentidos, o que, por conseguinte, reforçou a inexistência de um entendimento único e, que por isso mesmo, incidiu em sua ampla aceitação e aplicabilidade por diferentes agentes e em diferentes contextos (Butler, 1999). A institucionalização da sustentabilidade no turismo ocorreu a partir da compreensão de que as práticas turísticas convencionais, isto é, aquelas conduzidas sem a orientação de mecanismos

de planejamento e controle, representaram ameaça à conservação da natureza (Rubio & Salazar, 2022). Contudo, a efetiva promessa em sanar ou mitigar os efeitos adversos gerados ou amplificadas pelo turismo foi tratada como justificativa para o contínuo estímulo e crescimento dos investimentos no setor, desta vez, sob os arquétipos da sustentabilidade.

Diante disso, a sustentabilidade foi (e continua a ser) amplamente incorporada aos discursos e as intenções dos tomadores de decisão no turismo, tornando-se a orientação dominante dentre os operadores privados, os agentes públicos e os demais partícipes da cadeia turística. Tal posição pode ser percebida, por exemplo, com a formalização de intenções e diretrizes por parte de entidades empresariais, governos nacionais e organismos supranacionais. Menciona-se o lançamento de documentos como a Carta Europeia de Turismo Sustentável em Áreas Protegidas (EUROPAC, 1995), da Carta do Turismo Sustentável (OMT, 1995) e da Agenda 21 para a Indústria de Viagens e Turismo (OMT, 1996), bem como do Código de Ética Mundial para o Turismo (OMT, 1999), que posiciona o turismo enquanto um fator de desenvolvimento sustentável, além de mais recentemente figurar dentre as metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e da Agenda 2030 (ONU, 2015).

Todavia, apesar do reconhecimento de suas contribuições às políticas e estratégias no turismo, dadas a partir da definição de compromissos, na geração boas práticas, na adoção de ferramentas de monitoramento, a aplicação e a eficácia da sustentabilidade no turismo não repercutem de modo consensual (Mihalic, 2014). Isso tanto pelas lacunas trazidas pelo conceito de desenvolvimento sustentável, como por sua difícil operacionalização, além do fato do turismo, mesmo diante dos pressupostos e princípios da sustentabilidade, não conseguir se desvincular de sua essência puramente capitalista e continuar a gerar interferências e agravar problemas sociais, culturais e ambientais (Sonaglio, 2017) semelhantes ao desenvolvimento econômico em seu viés tradicional.



Por isso, ainda que o turismo sustentável tenha se posicionado como assunto recorrente e bastante celebrado e aludido, tanto no plano acadêmico, como também no âmbito gerencial e político, as respostas oferecidas por esta visão paradigmática em direção a um horizonte de efetiva sustentabilidade foram insuficientes (Buckley, 2008; Sharpley, 2020). Destarte, essa orientação, em sua vertente convencional, tem sido posta em xeque, tanto por suas bases conceituais frágeis e por suas ambiguidades, como pela quase impossibilidade de aplicação prática e efetiva dos esquemas teóricos delineados, sobretudo, quando analisados do ponto de vista das políticas públicas e das práticas turísticas (Butler, 1999; Ruhanen et al., 2015; Sharpley, 2020).

Tal situação é ainda mais sensível quando se insere e compreende o panorama de aumento de incertezas no início do século XXI, por meio do agravamento das crises e a consideração de que o turismo, mais do que outros setores econômicos, é amplamente suscetível a abalos e estresses (Alvarez, Bahja & Fyall, 2022). Diante desse cenário, pesquisadores e, por vezes, organismos internacionais, agentes governamentais e, em alguns casos, representantes do setor produtivo estão cientes da necessidade em avançar no conhecimento em torno de propostas mais responsáveis, sistemáticas e resilientes para o turismo. Nesse sentido, emergem modelos e orientações que buscam reposicionar o fenômeno turístico frente à intensificação das problemáticas ambientais e climáticas, e do consequente processo de colapso/degeneração dos sistemas socioeconômicos e ecológicos locais, regionais e globais.

Destarte, apresenta-se a seguir, para além da simples (re)adjetivação ou da imposição de novas nomenclaturas, duas orientações paradigmáticas emergentes que buscam atender ao estado de complexidade a que o fenômeno turístico está inserido, com especial enfoque ao contexto de crise ambiental e climática: a resiliência e o turismo regenerativo.



ABORDAGEM DA RESILIÊNCIA NO TURISMO

Modelos ou abordagens de turismo que consideram a resiliência têm sido propostos e aplicados e podem se tornar um importante orientador no desenvolvimento de uma nova *práxis* e prática para o turismo. Assim, a resiliência já tem sido considerada em diferentes contextos, níveis e situações no turismo, o que expande a sua relevância e compreensão em tempos recentes, e pode representar um grande potencial de contribuição para organizações atuantes no turismo e destinos turísticos num mundo marcado por crises e turbulências (Ketter, 2022).

Em alusão à Becken e Khazai (2017), Alvarez et al. (2022) compreende a resiliência no turismo como sendo a capacidade de um destino turístico em se recuperar de modo eficiente após a ocorrência de um perigo, reestruturando-se, aprendendo e adaptando-se para manter as funcionalidade e dinâmicas do turismo e dos demais atores subsistentes e partes interessadas. Em análise das definições já existentes sobre o termo, Ketter (2022) chega ao entendimento de que a resiliência apresenta as funções de absorver, restaurar e crescer. Em suas palavras, o autor amplia o seu entendimento dos papéis de: “absorver com sucesso uma crise sem entrar em colapso ou perder sua funcionalidade de longo prazo; o destino é capaz de restaurar suas funções turísticas de forma oportuna e eficiente; e por último, a crise serve como um estímulo ao crescimento, tornando o destino ainda mais competente e resiliente” (p. 3).

Já Sonaglio (2017) transpõe a relação entre resiliência e turismo para os aspectos do planejamento e da gestão de destinos e organizações turísticas, com vistas à transformação e preparação das localidades e dos comportamentos dos agentes que dela se relacionam, com o foco no ambiente e nos seres vivos na perspectiva de resistir, suportar, adaptar e superar traumas ou crises. Na ótica da autora (Sonaglio, 2017), é preciso aplicar medidas metodologicamente estruturadas, no formato de protocolos,



para a criação de “processos antecipativos, reativos e recuperativos nas destinações turísticas, como forma de resposta aos eventos adversos que podem afetar as populações residentes e turísticas” (p. 90).

O trabalho de Fabry e Zeghni (2019) avança ao identificar quatro categorias de resiliência e inserir o que se chamou de resiliência evolutiva, traduzida como aquela capaz de integrar diferentes níveis e hierarquias de um destino (individual/coletivo; local/regional), considerando as suas complexidades por meio da governança adaptativa. Para isto, ainda conforme os autores (Fabry & Zeghni, 2019), a governança baseada na resiliência seria o “processo de coordenação de vários atores que são independentes do poder central e atuam em diferentes níveis em resposta a mudanças observadas ou esperadas e seus impactos” (p. 102) e que, assim, assume papel preponderante para desenvolver capacidades de aprendizagem e adaptação de um destino turístico para enfrentar, suportar e superar mudanças internas ou exteriores.

Por sua vez, Fonseca e Oliveira (2021) repercutem, à luz do arcabouço teórico da resiliência, o cenário de desastre socioambiental causado pelo derramamento de óleo no litoral do Nordeste do Brasil entre os anos de 2019 e 2020 e os efeitos ao turismo costeiro. Para os autores, são necessários esforços para vincular a capacidade de superação e adaptação de crises à inovação por meio do planejamento e da gestão do turismo na perspectiva da sustentabilidade e da resiliência. Para tanto, propõem a adoção de 16 medidas para orientar os destinos turísticos frente a desastres socioambientais baseados na concepção de resiliência da Estratégia Internacional das Nações Unidas para a Redução de Desastres (UNISDR) (Fonseca & Oliveira, 2021).

A relação entre resiliência e a descarbonização do turismo face aos cenários de mudanças climáticas e aquecimento da temperatura da Terra foi discutida no trabalho de Gössling e Higham (2021). Para os autores, mesmo



que o turismo seja reconhecidamente um setor de uso intensivo em carbono, ele continua a expandir suas atividades, o que aliado às mudanças no clima, amplia a sua vulnerabilidade. Para tanto, os autores discutem um modelo de destino turístico tripartido, em que o sistema turístico local vise à operação em baixo carbono, alto valor agregado e resiliência.

Alguns estudos propõem a aplicação de índices e modelos que mensuram e avaliam a resiliência em destinos turísticos (Wang et al., 2022). Nesse sentido, Ketter (2022) apresenta dois modelos aplicados à resiliência: modelo de ciclo adaptativo e modelo de escala, mudança e resiliência. Ainda conforme o autor, em menção a Cheer e Lew (2018) e Cochrane (2010), o modelo de ciclo adaptativo abarca quatro etapas: crescimento/exploração, equilíbrio/ conservação, colapso/ liberação e reorientação/reorganização, e indica a capacidade adaptativa do sistema turístico analisado frente a mudanças ou perturbações. Já o modelo “Escala, Mudança e Resiliência” relaciona duas dimensões: a escala do turismo, que avalia “o impacto da mudança é mais limitado e impacta principalmente o setor de turismo, ou tem um efeito mais inclusivo em toda a comunidade” (Ketter, 2022), já a taxa de mudança que avalia a velocidade em que a alteração acontece (Ketter, 2022; Cheer & Lew, 2018).

Já Ketter (2022), em observação aos efeitos da pandemia de COVID-19 e as suas repercussões ao turismo mundial, e que levou ao recrudescimento dos sistemas turísticos locais e global, enfatiza a necessidade dos tomadores de decisão na gestão turística em disporem de ferramentas para o gerenciamento de crises e a elevação da capacidade adaptativa, logo, de maior resiliência. Para o mencionado autor, é preciso ainda incluir meios para reorientar os sistemas de turismo locais, por meio da regeneração do crescimento do turismo, a partir da criação de nova proposta de valor para os mercados atuais e futuros.

O turismo, enquanto fenômeno multidimensional, promove repercussões em diferentes dinâmicas e contextos onde se estabelece. À luz dos trabalhos



aqui trazidos (Cheer & Lew, 2018; Sonaglio, 2017; Alvarez et al., 2022; Ketter, 2022, dentre outros), é visto que a abordagem da resiliência tem auxiliado, sob diferentes enfoques, níveis e interesses, os destinos e organizações turísticas frente a impactos ou crises estabelecidas no bojo ou no entorno da prática turística, auxiliando-os a resistir, suportar, superar e adaptar.

Apesar da atenção ao tema e da geração de expectativas no plano da teoria e da técnica do turismo, os estudos da resiliência no turismo ainda estão em estágio inicial, e, por conseguinte, o termo tem assumido diferentes interpretações e significados, o que pode implicar numa certa confusão conceitual e teórica (Alvarez et al., 2022; Ketter, 2022). Logo, o avanço em sua compreensão integral se coloca como necessidade no tocante ao conhecimento aplicado à gestão de destinos turísticos (Ketter, 2022) para o alcance do desenvolvimento sustentável (Fabry & Zeghni, 2019; Wang et al., 2022) ou de outra abordagem ou paradigma que preze por um turismo mais atento, seguro e responsável.

ABORDAGEM REGENERATIVA NO TURISMO

Recentemente, o pensamento alinhado à regeneração tem tangenciado e imbuído diferentes atividades produtivas, processos de desenvolvimento e demais faces da vida e existência humana. Mais do que um conjunto de ferramentas de precaução e remediação, a ação regenerativa se estabelece por meio da esperança pela renovação, reavivamento, renascimento e restauração planetária e civilizacional. (Camrass, 2023).

Nessa direção, essa abordagem paradigmática regenerativa tem sido compreendida como um dos últimos esforços em favor do reequilíbrio do clima terrestre e da estabilidade da vida e da biodiversidade no início do século XXI, o que envolve a consideração e a emergência de novas vozes e saberes para que uma nova consciência coletiva seja estabelecida. Destarte,



a regeneração tem sido cunhada enquanto um processo ativo, positivo e contínuo sustentado por uma visão de mundo ecológica e holística que se volta para a resolução da “dívida ecológica” provocada pelas interferências das atividades humanas (Camrass, 2023).

No turismo, a abordagem regenerativa tem ganhado projeção nos últimos anos frente às implicações do crescimento exponencial e insustentável dos fluxos turísticos mundiais nas últimas décadas, bem como mais recentemente aos efeitos gerados pela COVID-19 ao setor (Fusté-Forné & Hussain, 2022). Embasado na teoria dos sistemas vivos, o turismo regenerativo refuta as bases modernas do turismo tradicional e transcende as intenções da abordagem da sustentabilidade convencional (Bellato et al., 2022).

A abordagem regenerativa do turismo pode ser apresentada como aquela que reconhece, internaliza e age frente aos desafios globais na chamada era do Antropoceno, era caracterizada pela ação direta e intensiva do comportamento e das atividades humanas nos fenômenos geológicos e climáticos e na biosfera terrestre (Zalasiewicz; Williams & Ellis, 2011), e que por isso, permite tecer e projetar o futuro desse fenômeno em termos de crescimento e imaginar um equilíbrio local e planetário através de processos regenerativos (Tomassini & Cavagnaro, 2022).

Ateljevic (2020) e Dredge (2022) alinham as práticas de turismo sob esse paradigma à agricultura regenerativa e de baixo carbono e apontam que os processos ecológicos regenerativos garantem a produtividade dos sistemas locais sem o seu comprometimento, tal como a agricultura convencional, e permite a articulação de iniciativas locais e comunitárias, de cooperativas e de empresas sociais em sua elaboração e operacionalização. Em linhas gerais, a abordagem regenerativa ao turismo se estabelece na medida em que o turismo se volte à geração de benefícios às pessoas e aos lugares visitados, e que, diante disso, possa auxiliar diretamente nos processos de conscientização e de florescimento dos sistemas sociais e ecológicos locais (Dredge, 2022).



Assim, o paradigma regenerativo no turismo “surge como uma mudança ontológica na forma como entendemos, abordamos e agimos em relação às viagens” (Dredge, 2022), já que ele se perfaz não somente a partir do atendimento das necessidades individuais de seus praticantes e operadores, mas da oferta de benefícios ao *lócus* onde a prática turística se estabelece. Ainda conforme a autora, essa abordagem resulta de um conjunto de pensamentos e saberes científicos e tradicionais (incluindo os conhecimentos indígenas) integrados, em que a razão e a riqueza econômica são retiradas da centralidade de sua *práxis* (Dredge, 2022) para dar lugar a novas e diversificadas motivações para a sua realização e existência.

Tais quais as inquietações de Tribe (1997) e Tribe e Liburd (2016) e seus esforços para reinterpretar o sistema de turismo em cenários de complexidade, diferentes autores têm se mantido empenhados a reimaginar o turismo e a reestabelecer conexões e sentidos ainda pouco proeminentes na *práxis* desse fenômeno. Nessa direção, Bellato et al. (2022) reconhecem as tentativas de reconceituar o turismo tendo como base o pensamento complexo e sistêmico (teoria dos sistemas vivos), e, ainda para os autores, essa abordagem poderá contribuir para transformar a teoria e a prática dos sistemas turísticos e reposicionar a participação, a interconexão e a colaboração das partes interessadas.

Para tanto, deve existir a reorientação dos papéis entre os diferentes agentes, como é o caso do próprio turista, que deve assumir as responsabilidades sob as suas escolhas, consciente de que está integrado a um sistema vivo regido pelas regras e princípios da natureza (Hussain, 2021). Bellato et al. (2022) vão além ao revisarem as estruturas conceituais e casos reais de turismo regenerativo para indicarem as funções para os partícipes do turismo. De acordo com esses autores, essa abordagem deve “se afastam de servir a modelos de turismo industrial, como consumidor e produtor, para contribuir para a saúde e bem-estar dos sistemas socioecológicos” (p. 4),



tendo como base os seguintes papéis: comunhão, administração, acolhida/hospedagem, convidado e ambiência.

De modo aplicado, a Nova Zelândia tem assumido notadamente o protagonismo nas práticas regenerativas do turismo, com amplo envolvimento das comunidades locais e dos povos originários, com articulação dos órgãos nacionais no desenvolvimento de estratégias com foco no bem-estar social, cultural, ambiental e econômico (Fusté-Forné & Hussain, 2022).

Assim sendo, a abordagem regenerativa no turismo se alinha às reflexões trazidas por Campodónico e Chalar (2017), que reafirmam a multidimensionalidade do fenômeno turístico enquanto produto da pluralidade e da inter-relação entre diferentes atores, contextos e conhecimentos, em que se deve propor caminhos e alternativas que promovam a reflexão e a interdisciplinaridade capazes de enfrentar desafios complexos. Para isso, não se deve esquecer, porém, que a mudança paradigmática traz consigo tensões, conflitos e resistências ao passo em que novas relações e estruturas são estabelecidas e recriadas (Dredge, 2022).

Destarte, a pesquisa e a construção da abordagem regenerativa poderão auxiliar tanto a compreender mais a fundo as lacunas deixadas pelo turismo convencional e pelo turismo sustentável, sobretudo por seus alinhamentos aos valores e interesses hegemônicos, mas também para ampliar as discussões em torno dessa proposta, afinal, "como pesquisadores, também desempenhamos um papel na teoria e prática regenerativa do futuro do turismo" (Bellato et. al, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O final do século XX já anunciava o estado de crise - complexa e multidimensional - a que o sistema terrestre e todas as faces da vida humana vivenciavam (Capra, 1982). A referida crise, que se instaurou a partir da



compreensão fragmentada e mecânica da natureza e do mundo, tem como causa maior a completa interferência humana nas dinâmicas naturais e seus efeitos na biodiversidade do planeta e tem como um dos principais efeitos as alterações na estabilidade climática global.

Após mais de três décadas de pesquisas, debates e alertas, é dada como inequívoca a influência das atividades antropogênicas nos processos que condicionam às mudanças climáticas (IPCC, 2021), ao passo em que também se anuncia o caráter generalizado e, até mesmo, irreversível das alterações em curso, como a elevação das temperaturas médias do planeta, do aumento da ocorrência de eventos extremos e catástrofes naturais e da elevação do nível do mar, caso não sejam tomadas medidas efetivas, contínuas e integradas para a estabilidade do clima terrestre.

O cenário brevemente relatado tem pressionado os organismos intergovernamentais, os governos nacionais e o setor produtivo ao estabelecimento de orientações e medidas que visem à manutenção da estabilidade do clima da Terra de modo que se garanta a sustentação das condições fundamentais à vida e as atividades humanas que dela decorrem. O iminente estado de crise climática tem motivado o desenvolvimento de áreas de estudos inter e transdisciplinares que se voltem ao encontro de medidas e soluções para atenuar as implicações das vulnerabilidades trazidas no bojo da elevação do clima terrestre e de suas consequências, ao passo em que se buscam estabelecer medidas para suprimir ou minimizar a emissão de gases contribuintes de efeito estufa.

No caso do turismo, a mudança climática tem sido tratada com mais ênfase a partir das duas primeiras décadas do século XXI e permanece enquanto um tema prioritário e consensual em sua agenda de pesquisa, com raras exceções, a exemplo do trabalho de Shani e Arad (2014) em que refuta e minimiza as mudanças climáticas e suas implicações ao turismo, e que foi amplamente rechaçado pela comunidade científica internacional na réplica



oferecida por Hall et al. (2015). Destarte, “com a urgência de limitar a vulnerabilidade e promover a resiliência no destino, pesquisadores e profissionais continuaram a avançar o conhecimento tanto em aplicações teóricas quanto práticas” (Muiruri Njoroge, 2022, p. 221) em ações que se voltam à mitigação e a adaptação climática de destinos e dos operadores mercadológicos do turismo, medidas que no caso do turismo brasileiro e de seu campo científico ainda são pouco expressivas (Grimm, 2019).

Diante disso, a reimaginação do turismo em sua essência e operacionalização tem trazido elementos importantes e necessários para o distanciamento de modelos turísticos tradicionais, baseados no consumo de massa, no uso intensivo de combustíveis fósseis e em desequilíbrio com a dinâmica ambiental e social dos lugares visitados. Esse mesmo processo viabiliza o encontro de abordagens e paradigmas que reposicionem a produção e o consumo turístico e aprofundem o compromisso, tanto da “indústria” turística como da sociedade em geral e do turista, em fortalecer o suporte, a resistência e a restauração dos *lócus* e dos indivíduos envolvidos e na internalização dos desafios e crises no espectro das alterações climáticas.

Assim, a partir da sistematização gerada por Bellato et al. (2022), que trata das abordagens paradigmáticas do turismo, apresenta-se um quadro (quadro 1), com algumas das características do turismo tradicional, do turismo sustentável e do turismo regenerativo. Nesse quadro, também foi incluído a abordagem da resiliência, com base nos estudos de Sonaglio (2017), Alvarez et al. (2022) e Ketter (2022), e assim, é possível compreender a configuração entre cada uma das abordagens.

Quadro 1 – Características das abordagens paradigmáticas no turismo.

Turismo tradicional	Turismo sustentável	Resiliência no turismo	Turismo regenerativo
- Pensamento compartimentado, cartesiano e fragmentado;	- Focado na indústria como parte de um setor que busca criar eficiências.	- Atento às crises e as complexidades do turismo.	- Visão holística, que compreende o turismo como um subsistema de um sistema maior, onde



			a colaboração com a natureza é central.
- Partes individuais de um sistema buscando maximizar os benefícios para os seres humanos.	- Ampla adesão, apelo mercadológico e apropriação do termo pelos agentes turísticos tradicionais; porém poucos resultados observáveis.	- Busca ampliar as capacidades de enfrentar, resistir e adaptar o turismo em relação aos eventos adversos e crises.	- Transpõe a lógica comercial através da inclusão de novos valores, partícipes e conhecimentos.

Fonte: Elaboração própria, 2023, a partir de Bellato et al. (2022) e outros.

O quadro apresentado evidencia e resume as principais características e particularidades a cada uma das abordagens paradigmáticas abordadas neste trabalho. Nesse sentido, o mesmo auxilia na compreensão sobre as aproximações e intersecções, as diferenças e as possíveis lacunas em cada uma delas. Assim, é possível afirmar, à luz da revisão da literatura adotada neste estudo, que, mesmo com divergências ou omissões, a sustentabilidade se insere enquanto paradigma e discurso dominante frente ao turismo tradicional, baseando-se em mudanças incrementais e, quase sempre, descomprometidas com rupturas substanciais e que transcendam a lógica puramente capitalista e de mercado (Ruhanen et al., 2015; Sonaglio, 2017; Sharpley, 2020; Bellato et al., 2022); e que a resiliência e a abordagem regenerativa no turismo se posicionam enquanto abordagens emergentes, complementares e, até mesmo, interdependentes, que podem se alinhar à sustentabilidade, transformando-a, ou avançarem em direção a sua superação (Sonaglio, 2017; Alvarez et al., 2022; Ketter, 2022; Bellato et al., 2022).

Assim, propor caminhos que reforcem a resiliência e a regeneração no turismo pressupõe intensificar os compromissos que se voltam a conduzir o fenômeno turístico num contexto de crise(s) e de constante mudança e transformação. É, por conseguinte, reafirmar a necessária e urgente restauração nos valores, nos lugares e nos agentes que condicionam a própria existência, significação e perpetuidade do turismo na sociedade, o que

implica em considerar novos espaços decisórios, a escuta de diferentes saberes e a instauração de meios complexos e participativos de governança.

CONCLUSÕES

O conhecimento no campo da teoria e da técnica do turismo tem avançado na perspectiva de abarcar um fenômeno notadamente integral, multidimensional, complexo e dinâmico, conforme tratado por Campodónico e Chalar (2017). Nesse sentido, o imperativo da sustentabilidade tem e provavelmente continuará a ter um papel relevante nos estudos e na *práxis* turística. Contudo, a emergência de novas dinâmicas a partir da intensificação das problemáticas ambientais e climáticas nos cenários locais, regionais e globais promove a busca por novas visões paradigmáticas capazes de oferecer novo suporte conceitual e princípios capazes de redesenhar a “indústria” e as experiências turísticas no presente e no futuro.

Para além da sustentabilidade, duas importantes e, em nossa visão, complementares abordagens para o turismo foram brevemente apresentadas neste trabalho, ainda que outras orientações ou terminologias também pudessem ter sido destacadas - a exemplo do turismo responsável, do *slow travel* e do turismo de baixo carbono. A abordagem da resiliência tem fomentado discussões no intento de identificar as vulnerabilidades, prever comportamentos e respostas mediante crises e abalos, ao passo que estabelece ações preventivas que se voltam à manutenção da integridade e das funcionalidades do sistema de turismo de uma localidade, através do estabelecimento de novas condições e orientações para a sua plena continuidade em respeito aos aspectos ecológicos e socioculturais.

Já o pensamento regenerativo no turismo emergiu no exato momento transacional em que os valores, as narrativas, as práticas, os efeitos e os partícipes convencionais do sistema turístico têm sido expressamente contestados pela quase totalidade da literatura acadêmica, bem como por setores da sociedade civil e de movimentos sociais organizados, que têm



buscado meios de superar o modelo de turismo convencional e de avançar além das condições e princípios estabelecidos pelo turismo sustentável. Diante disso, o turismo regenerativo tem sido tratado como uma abordagem que pode vir a ser o paradigma que restabeleça as conexões humanas, naturais e cosmológicas, e conduza o fenómeno turístico para cenários de florescimento de novas e plurais oportunidades.

Este ensaio repercute o início da construção teórica e das categorias de análise de uma tese de doutorado. Apesar das contribuições aqui geradas, entende-se que é preciso prosseguir nas discussões teóricas sobre as temáticas aqui expostas, o que inclui ainda o maior envolvimento de pesquisadores e grupos de pesquisa nacionais numa agenda de pesquisa efetiva, contínua e profícua. Além do plano acadêmico e conceitual, também se vê a necessária inclusão dessas abordagens nos campos da ação governamental e da política pública e das organizações privadas atuantes no turismo, algo ainda pouco proeminente no contexto brasileiro, mas que já começa a motivar experiências e iniciativas turísticas alternativas pelo país e a influenciar, ainda que no plano das intenções, o desenho das políticas e dos projetos governamentais no turismo.

REFERÊNCIAS

Alvarez, S., Bahja, F., & Fyall, A. (2022). A framework to identify destination vulnerability to hazards. *Tourism Management*, 90. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2021.104469>

Ateljevic, I. (2020). Transforming the (tourism) world for good and (re)generating the potential 'new normal'. *Tourism Geographies*. 22. 1-9. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1759134>

Bellato, L., Frantzeskaki, N., Briceño Fiebig, C., Pollock, A., Dens, E. and Reed, B. (2022), "Transformative roles in tourism: adopting living systems' thinking for regenerative futures", *Journal of Tourism Futures*, Vol. ahead-of-print No. ahead-of-print. <https://doi.org/10.1108/JTF-11-2021-0256>



Bellato, L.; Frantzeskaki, N. & Nygaard, C. (2022). Regenerative tourism: a conceptual framework leveraging theory and practice. *Tourism Geographies*. <https://doi.org/10.1080/14616688.2022.2044376>

Buckley, R.(2008) *Climate Change: Tourism Destination Dynamics*. *Tourism Recreation Research*, [s. l.], v. 33, ed. 3, p. 354-355. <https://doi.org/10.1080/02508281.2008.11081559>

Butler, R. W. (1999). Sustainable tourism: A state-of-the-art review. *Tourism Geographies*, [s. l.], v. 1, ed. 1, p. 7-25. <https://doi.org/10.1080/14616689908721291>

Campodónico, R., & Chalar, L. (2017). El abordaje interdisciplinario en el turismo: El campo de análisis TEMA como propuesta metodológica. *Estudios y perspectivas en turismo*, 26(2), 461-477.

Camrass, K. (2023). Regenerative Futures: Eight Principles for Thinking and Practice. *Journal of future studies*. [https://doi.org/10.6531/JFS.202309_28\(1\).0008](https://doi.org/10.6531/JFS.202309_28(1).0008)

Capra, F. (1982). *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix.

Cheer, J. & Lew, A. (2017). Understanding tourism resilience: Adapting to social, political, and economic change.

Dredge, D. (2022), "Regenerative tourism: transforming mindsets, systems and practices", *Journal of Tourism Futures*, Vol. 8 No. 3, pp. 269-281. <https://doi.org/10.1108/JTF-01-2022-0015>

Fabry, N. & Zeghni, S. (2019). Resilience, tourist destinations and governance: an analytical framework. In Cholat F., Gwiazdzinski L., Tritz C., Tuppen J., 2019, "Tourismes et adaptations", Grenoble, Elya Editions, p.96-108.

Mozart, F., Rodrigues, B., Nascimento, E., & Pena, L. C. S. (2017). O papel do Turismo no Desenvolvimento Humano. *Papers do NAEA*, 26, 1-19. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v1i1.11075>

Feitelson, E., & Stern, E. (2023). The double negative approach to sustainability. *Sustainable Development*, 1- 13. <https://doi.org/10.1002/sd.2525>

Fonseca, I. L. da, & Oliveira, W. A. (2021). Desastres socioambientais, turismo e resiliência: reflexões sobre o vazamento de óleo na costa do Nordeste do



Brasil. Revista Turismo em Análise, 32(1), 120-140.
<https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i1p120-140>

Fusté-Forné, F. & Hussain, A. (2022), "Regenerative tourism futures: a case study of Aotearoa New Zealand", *Journal of Tourism Futures*, Vol. 8 No. 3, pp. 346-351.
<https://doi.org/10.1108/JTF-01-2022-0027>

Ketter, E. (2022). Bouncing back or bouncing forward? Tourism destinations' crisis resilience and crisis management tactics. *European Journal of Tourism Research* 31, 3103. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v31i.2748>

Gibbons, L. V. Regenerative - The New Sustainable? *Sustainability* 2020, 12, 5483. <https://doi.org/10.3390/su12135483>

Gössling, S., & Higham, J. (2021). The Low-Carbon Imperative: Destination Management under Urgent Climate Change. *Journal of Travel Research*, 60(6), 1167–1179. <https://doi.org/10.1177/0047287520933679>

Grimm, I. J. (2019). Impactos das mudanças climáticas no sistema turístico: o caso brasileiro. *Caderno Virtual de Turismo*, 19(1).
<https://doi.org/10.18472/cvt.19n1.2019.1392>

Hall, C. M., Amelung, B., Cohen, S. et al. (49 more authors). (2015). No time for smokescreen skepticism: A rejoinder to Shani and Arad. *Tourism Management*, 47. pp. 341-347. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.08.008>

Hussain, A. (2021). A future of tourism industry: conscious travel, destination recovery and regenerative tourism. *Journal of Sustainability and Resilience*: Vol. 1 : Iss. 1 , Article 5.

IPCC. (2021). Summary for Policymakers. In: *Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*.

Mebratu, D. (1998) Sustainability and sustainable development: Historical and conceptual review. *Environmental Impact Assessment Review*, 18, 493-520.
[https://doi.org/10.1016/S0195-9255\(98\)00019-5](https://doi.org/10.1016/S0195-9255(98)00019-5)

Mihalic, T. (2014). Sustainable-Responsible Tourism Discourse – towards 'responsustable' tourism. *Journal of Cleaner Production*.
<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2014.12.062>

Morin, E. (2000) *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.



Muiruri Njoroge, J. (2022). 12 Tourism Adaptation Frameworks for Climate Change: A Review. In J. Kepher Gona & L. Atieno (Ed.), *Sustainable Tourism Dialogues in Africa* (pp. 211-218). Berlin, Boston: De Gruyter. <https://doi.org/10.1515/9783110702491-012>

Rubio, A. E. & Salazar, J. A. V. (2022). Tendencias en la investigación del turismo sostenible en Latinoamérica y el Caribe: un análisis bibliométrico. *Revista Universidad y Empresa*, 24, 1-30. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/empresa/a.11131>

Ruhanen, L.; Weiler, B.; Moyle, B. D.; McLennan, C, J. (2015) Trends and patterns in sustainable tourism research: a 25-year bibliometric analysis, *Journal of Sustainable Tourism*, 23:4, 517-535. <https://doi.org/10.1080/09669582.2014.978790>

Shani, A., & Arad, B. (2014). Climate change and tourism: time for environmental skepticism. *Tourism Management*, 44, 82-85. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2014.02.014>

Sharpley, R. (2020). Tourism, sustainable development and the theoretical divide: 20 years on. *Journal of Sustainable Tourism*, 28(11), 1932–1946. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1779732>

Sonaglio, K. E. (2017). Aproximações entre o turismo e a resiliência: um caminho para a sustentabilidade Turismo - Visão e Ação, vol. 20, núm. 1. <https://doi.org/10.14210/rtva.v20n1.80-104>

Tomassini, L. & Cavagnaro, E. (2022), "Circular economy, circular regenerative processes, agrowth and placemaking for tourism future", *Journal of Tourism Futures*, Vol. 8 No. 3, pp. 342-345. <https://doi.org/10.1108/JTF-01-2022-0004>

Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638–657. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0)

Tribe, J. & Liburd, J. J. (2016). The tourism knowledge system. *Annals of Tourism Research*. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2015.11.011>

Wang, T.; Yang, Z.; Chen, X.; Han, F. Bibliometric Analysis and Literature Review of Tourism Destination Resilience Research. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 2022, 19, 5562. <https://doi.org/10.3390/ijerph19095562>

WCED. (1987). *Our common future*. Oxford University Press.



Zalasiewicz, J., Williams, M. Haywood, A. & Ellis, M. (2011). The Anthropocene: a new epoch of geological time? *Philos Trans A Math Phys Eng Sci* 369 (1938): 835-84. <https://doi.org/10.1098/rsta.2010.0339>

